



**CORPO E RESISTÊNCIA  
A DANÇA COMO ATO POLÍTICO COM KICO BROWN**

**CUERPO Y RESISTENCIA:  
LA DANZA COMO ACTO POLÍTICO CON KICO BROWN**

**BODY AND RESISTANCE:  
DANCE AS A POLITICAL ACT WITH KICO BROWN**

Ana Cristina Ribeiro Silva<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-8370-0704>

Daniel Santos Costa<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-3733-471X>

Jose Ricardo Cardoso<sup>3</sup>

<https://orcid.org/0009-0003-5130-5904>

Marcia Souza Oliveira<sup>4</sup>

<https://orcid.org/0009-0001-8150-1581>

---

<sup>1</sup> Doutorado em Artes da Cena (2021) Unicamp. Mestrado em Artes da Cena (2014) Unicamp. Licenciatura Plena em Educação Física (2004) Puc-Campinas. Professora do Magistério Superior Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Dedicção exclusiva. Artista e estudiosa das conexões da Cultura Hip-hop com educação somática, anatomia, fásia, preparação corporal e diáspora africana. Autora dos livros Dança de Rua (segunda edição revisada e ampliada 2025), Laboratório Hip-hop (2021), Eclipse (2021), Dança de Rua (2011). <https://www.eclipse.art.br/cris-pesquisas> / [ana.cristina@ufpel.edu.br](mailto:ana.cristina@ufpel.edu.br)

<sup>2</sup> Doutor em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestre em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Docente efetivo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), na carreira do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT), atua na Escola de Educação Básica – Colégio de Aplicação (ESEBA/UFU). Integra o Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas e o Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes), vinculados ao Instituto de Artes (Iarte/UFU). Possui formação em Dança, Teatro, Pedagogia e Educação Especial. Atua como bailarino, ator, professor e pesquisador, desenvolvendo práticas e investigações que articulam artes da cena, educação, corporeidade, inclusão e processos formativos, com ênfase nas pedagogias críticas e no diálogo entre criação artística e contextos educativos. Pós-doutorando em Educação (PPGED - FAGED - UFU). E-mail: [grdcosta@gmail.com](mailto:grdcosta@gmail.com). Site: <http://www.danielcosta.art/>.

<sup>3</sup> Idealizador e diretor da Cia Eclipse Cultura e Arte, desde 2002. Gerente de Desenvolvimento da CNDD Breaking (Confederação Nacional de Dança Desportiva – Breaking) (2021). Gerente de Esportes da Federação Paulista de Breaking, desde 2022. Especialização em Gestão Cultural: Cultura, Desenvolvimento e Mercado, SENAC (2016). Licenciado em Educação Física pela PUC-Campinas (2004). Autor dos livros Dança de Rua (segunda edição revisada e ampliada, 2025), Eclipse (2021) e Dança de Rua (2011). <https://www.eclipse.art.br> / [kico@eclipse.art.br](mailto:kico@eclipse.art.br)

<sup>4</sup> Doutoranda em Artes Cênicas (PPGAC/UFU). Bolsista CAPES. Mestre em Artes pela Universidade Federal de Uberlândia. Licenciada em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas. Atua como professora de Arte no Município de Uberlândia. E-mail: [marciaolivira1962@gmail.com](mailto:marciaolivira1962@gmail.com)

## RESUMO

A entrevista com o artista, dançarino, coreógrafo, produtor cultural e empresário Kico Brown, fundador e diretor da Cia Eclipse (Campinas–SP), apresenta reflexões sobre o percurso das “*danças urbanas*” no Brasil, sua dimensão política e suas interseções com o campo educacional e esportivo. Realizada por Ana Cristina Ribeiro e Daniel Santos Costa, com edição de texto de Márcia Oliveira, a conversa evidencia a dança como prática de resistência e construção identitária no contexto da Cultura Hip-hop. Ao narrar sua trajetória desde a infância até a consolidação da companhia, Kico discute processos de formação de elencos, estratégias de permanência coletiva e a importância da criação compartilhada. A entrevista aborda ainda marcos institucionais da carreira, como a participação na Copa do Mundo de 2014, nos Jogos Olímpicos de 2016 e o reconhecimento em editais e premiações nacionais, além da atuação na consolidação do *Breaking* como modalidade esportiva. O diálogo destaca a persistência como princípio ético e poético da Cia Eclipse, reafirmando a dança como linguagem de transformação social, ancestralidade e futuro.

**Palavras-chave:** Danças urbanas. Hip-hop. Cia Eclipse. Afrofuturismo. Resistência cultural.

## RESUMEN

La entrevista con el artista, bailarín, coreógrafo, productor cultural y empresario Kico Brown, fundador y director de la Cia Eclipse (Campinas–SP), presenta reflexiones sobre el recorrido de las “*danzas urbanas*” en Brasil, su dimensión política y sus intersecciones con los campos educativo y deportivo. Realizada por Ana Cristina Ribeiro y Daniel Santos Costa, con edición de texto de Márcia Oliveira, la conversación evidencia la danza como práctica de resistencia y construcción identitaria en el contexto de la Cultura Hip-hop. Al narrar su trayectoria desde la infancia hasta la consolidación de la compañía, Kico analiza los procesos de formación de elencos, las estrategias de permanencia colectiva y la importancia de la creación compartida. La entrevista aborda también hitos institucionales de su carrera, como la participación en la Copa del Mundo de 2014, en los Juegos Olímpicos de 2016 y el reconocimiento en convocatorias y premios nacionales, además de su actuación en la consolidación del *Breaking* como disciplina deportiva. El diálogo destaca la persistencia como principio ético y poético de la Cia Eclipse, reafirmando la danza como lenguaje de transformación social, ancestralidad y futuro.

**Palabras clave:** Danzas urbanas. Hip-hop. Cia Eclipse. Afrofuturismo. Resistencia cultural.

## ABSTRACT

The interview with the artist, dancer, choreographer, cultural producer and businessman Kico Brown, founder and director of Cia Eclipse (Campinas–SP), presents reflections on the trajectory of “*urban dances*” in Brazil, their political dimension, and their intersections with the educational and sports fields. Conducted by Ana Cristina Ribeiro and Daniel Santos Costa, with text editing by Márcia Oliveira, the conversation highlights dance as a practice of resistance and identity construction within Hip-hop Culture. As he recounts his journey from childhood to the consolidation of the company, Kico discusses the processes of ensemble formation, strategies for collective continuity, and the importance of shared creation. The interview also addresses institutional milestones in his career, such as participation in the 2014 FIFA World Cup, the 2016 Olympic Games, and recognition through national awards and cultural grants, as well as his role in establishing *Breaking* as an Olympic sport. The dialogue emphasizes persistence as both an ethical and poetic principle of Cia Eclipse, reaffirming dance as a language of social transformation, ancestry, and futurity.

**Keywords:** Urban dances. Hip-hop. Cia Eclipse. Afrofuturism. Cultural resistance.



**Daniel Santos Costa:** Boa noite! Boa noite a todos e todas! Vou agradecer a parceria aqui hoje com Kico Brown e Ana Cristina. O encontro de hoje no canal, *Corpo e Diásporas Performativas*, tem o objetivo de fomentar a ideia de diálogos em torno das diásporas, dos deslocamentos e das performatividades e das histórias e trajetórias de artistas, pesquisadores e docentes, promovendo encontros e reflexões nesse campo. Vou chamar para a roda, então, a colega Cris para dar continuidade às apresentações. Bem-vinda!

**Ana Cristina Ribeiro:** (*deslizando para a roda*) Obrigada! Quero agradecer pelo convite para estar aqui mediando essa roda. (*buscando o flow*). É uma alegria ouvir um pouco do Kico Brown, parceiro de caminhada e também de vida. Esse lugar de escuta, como espectadora-entrevistadora, é diferente, e muito especial. Estamos aqui para ouvir o Brown. Antes de passar a bola para ele se apresentar, quero destacar alguns pontos da sua minibio. Kico é graduado em Educação Física, com especialização em produção cultural e produção artística. É diretor e idealizador da Cia. Eclipse desde 2002. Participou ativamente da inserção do *Breaking* como esporte olímpico, por meio da Confederação Nacional de Dança Desportiva<sup>5</sup> (CNDD) e também da Federação Paulista. É autor do livro *Dança de Rua*<sup>6</sup>, que teve sua segunda edição lançada agora em 2025, e também do livro *Eclipse*<sup>7</sup>. Vou passar a bola para o Kico, pra ele entrar aqui na nossa roda, na nossa *cypher*... Pra falar um pouquinho mais sobre sua trajetória nessa breve apresentação, que, aliás, vocês também podem acessar por meio dos links de seu *podcast*<sup>8</sup>. Muito obrigada a todas as pessoas que estão nos acompanhando! Obrigada! (*chamando pra batalha*). E com vocês... **Kico Brown!**

**Kico Brown:** (*solicitando a transição com fluidez*) Peço licença pra chegar e agradecer pelo convite. Uma ótima noite pra todas as pessoas presentes *online*, e também pra quem vai assistir esse bate-papo num futuro breve. Espero poder contribuir e somar.

<sup>5</sup> <https://www.cndd.org.br/>. Acesso em: 04 out. 2025.

<sup>6</sup> <https://www.grupoatomoealinea.com.br/danca-de-rua.html>. Acesso em: 04 out. 2025.

<sup>7</sup> <https://literarua.commercesuite.com.br/livros/eclipse>. Acesso em: 04 out. 2025.

<sup>8</sup> Podcast Prof Kico Brown

<https://creators.spotify.com/pod/profile/cia-eclipse/episodes/Prof-Kico-Brown--Episdio-1-e1dnj75>. Acesso em: 04 out. 2025.

Uma coisa que eu amo fazer é compartilhar experiências, especialmente aquelas ligadas às “danças urbanas”, às danças do *Hip-hop*, direta e indiretamente. É um caminho que ainda tem muito a ser percorrido, e muito a ser construído. Então, eu sou Kico Brown. Tenho 53 anos. Sou uma pessoa negra, hoje usando óculos, o que é uma novidade pra mim, algo bem recente na minha história. Cabelo bem curtinho, cavanhaque, um bigodinho ralinho, mas existe. Tô vestindo uma camiseta vermelha com fundo preto, com o logo da Cia Eclipse, que é minha obra-prima, digamos assim. Uma vida que se consolida em arte. É uma grande satisfação estar aqui. Tô à disposição para trocar com vocês e aproveitar esses minutos juntos. *(pausa)* Querem que eu fale mais? Tem muito mais de onde veio isso. Fiquem à vontade pra me estimular e mostrar os caminhos, tá bem?

**Ana Cristina Ribeiro:** Se tiver mais algum destaque da sua trajetória que você queira compartilhar, além dos pontos que eu mencionei, fique totalmente à vontade.

**Kico Brown:** Vou aproveitar esse momento pra fazer um resumo desses cinquenta e três aninhos. Danço desde criança. Venho de uma família em que minha avó teve treze filhos, então, treze famílias negras. Consequentemente, muitos primos, muito samba, muita “*black music*”, muito ritmo o tempo todo. Principalmente nas festas de família. E isso me acompanhou. Me vejo dançando desde os sete anos de idade. Com onze pra doze anos, ganhei o apelido de *Nego Breaking*, lá em Santo Amaro, São Paulo, onde eu morava. Porque eu fazia isso o tempo todo na escola. Enfim, minha primeira vivência com o movimento foi a capoeira. Depois veio a música popular (*pop*), veio o *Breaking...* e aí nunca mais parou. Foi uma coisa que veio e tomou conta de mim. Até me aventurei, me arrisquei a ser treinador de futebol, preparador físico. Rodei um pouco. Mas quando chegou o momento, eu falei: agora é só a dança. E aí foi onde eu me debrucei de corpo e alma na dança, em todas as vertentes. Participei de grupos, de vários projetos, de várias experiências com dança e, consequentemente, virei produtor de eventos, de festas, de casas noturnas, procurando me encontrar e, ao mesmo tempo, buscando minha graduação. Que também foi uma luta. Como eu disse, vindo de uma família tão grande, ainda assim, fui o primeiro a entrar numa universidade. E fui

buscar essa graduação que sempre andou comigo. Por causa da capoeira lá atrás, do futebol no meio do caminho, e da dança, que sempre permeou minha trajetória. Então, a Educação Física veio de encontro aos meus anseios. Porque minhas brincadeiras sempre foram acrobacias, dança e movimento. E eu sempre fui um educador nato, digamos assim. Sempre tinha uma galera de jovens comigo, aprendendo, querendo aprender mais, querendo estar por perto. Esse processo foi muito rico e tomou muito da minha trajetória... *(silêncio)*.

**Daniel Santos Costa:** Obrigado, Kico. Antes de passar pro próximo eixo da conversa, queria fazer um adendo: eu já te falei... quando comecei a me interessar pela dança como carreira acadêmica, tive aula contigo lá na Academia Livre Espaço. *(Kico pega a fala: “Nossa mãe do céu!”)* Foi em Campinas, no comecinho dos anos dois mil... ali mesmo *(risos de Daniel e Kico que diz: “Eu não me lembrava.”)*. Isso marcou o início da minha trajetória. E já que a questão é sobre trajetória: como surgiu seu interesse pela dança? Você já destacou esse eixo familiar, em termos de configuração, e nesse contexto da dança como possibilidade de existir. Mas como esse interesse se formou? E esse percurso, como ele se consolida até chegar nesse lugar de hoje, academicamente e artisticamente?

**Kico Brown:** Nesse caminho nós participamos de várias situações. De vários coletivos e, num primeiro momento, sem saber exatamente pra onde tudo isso ia levar. Você tá ali pra fazer o que gosta, por satisfação pessoal... e somente. Não tinha esse pensamento de profissionalizar, de ser um artista renomado. Eram apenas os primeiros passos. E, a partir desses primeiros passos, fui percebendo que aquilo fazia parte mesmo da alma, do ser. Não tinha como desvincular. Sempre fui uma pessoa muito brincalhona, muito extrovertida, apesar de me achar tímido. Sempre fui muito brincalhão. E a dança sempre foi a matéria-prima das minhas brincadeiras. Os movimentos, de maneira geral, sempre foram a matéria prima. E nesse percurso, nós tivemos, e quando eu digo “nós”, é porque você não dança sozinho. Sempre tem muita gente à sua volta: pessoas que você admira, que começaram antes, ou que você acaba estimulando, pessoas que vieram depois. E, querendo ou não, tanto os que vieram

antes quanto os que vieram depois te impulsionam a continuar. Então esse “nós” é sempre por causa do conjunto, do grupo, do coletivo. Na minha história, fazer dança sempre foi coletivo. Raros momentos não foram. Apesar de eu gostar de treinar escondido, como meus amigos falam, pra aparecer com novidades... o lugar de compartilhar é onde você se realiza. E não simplesmente o lugar onde você estuda, analisa, experimenta possibilidades. Então, nesse começo, tivemos alguns grupos, alguns coletivos amadores, cem por cento de diversão. E, no decorrer do trajeto, descobrimos que, poxa, dava pra pegar essa diversão e transformar em algo mais. No final da universidade, fui vendo que precisava achar um caminho. Tinha alguns caminhos naquele momento: a parte do *fitness*, que conheci por causa da Faculdade de Educação Física; o futebol, que foi o motivo de eu procurar entrar na faculdade, que era uma das paixões. Só que, por ironia do destino, a faculdade me apresentou ‘*Fitness Brasil*’, me apresentou o ‘ENAF’, que são congressos de Educação Física onde estavam inseridos grandes festivais de dança naquela época. Principalmente das “danças urbanas”. Porque eu venho de um tempo em que não existiam festivais específicos de “danças urbanas”, ou, se existiam, eram poucos. Eu mesmo não conhecia. E aí tive a oportunidade de conhecer grandes nomes, não só da Educação Física, mas também da Dança. E, a partir daí, abriu-se aos meus olhos um mundo de possibilidades pela dança. A Educação Física me levou por um caminho que me condicionou a experimentar a arte em si. E quando me formei, em 1999, já estava participando de coletivos, em algumas construções, mas ainda não profissionalmente com dança. Só que já tinha sofrido “a picadinha” da dança, e não saiu mais de mim. Fui procurar como viver da dança, através da dança, com a dança. E aí fui explorar o mundo. Literalmente explorar o mundo todo para entender como era possível trabalhar com isso, viver disso, encontrar caminhos com a dança. Porque não era uma realidade à minha volta. E, quando conversava com amigos, com outras pessoas, também não era uma realidade de ninguém. A dança era simplesmente uma satisfação pessoal, ou uma satisfação coletiva de participar de festivais, competições, batalhas, campeonatos. Mas raramente com um olhar de alavancar ou impulsionar o fazer artístico: a dança como algo que pudesse, de repente, sustentar minha vida, minha família, meus filhos. Eu não almejava isso naquele momento. Foi uma busca muito insana, porque eu não via,

à minha volta, em outras companhias ou grupos, essas possibilidades. Então iniciei algumas pesquisas internacionais para ver se existia algo, e como alcançar essas possibilidades. E foi isso que foi me levando, cada vez mais, a ficar totalmente focado na dança, de uma forma holística. Que se apoderou de mim. A gente foi buscando caminhos e foi afunilando. Porque, no início, eu fazia muitas coisas: Educação Física, futebol, companhia de dança, eram muitos fazeres. E só depois de uma certa experiência internacional que eu fui buscando esse caminho, fui afunilando, centrando minhas energias pro universo da dança.

**Ana Cristina Ribeiro:** *(numa performance b.girl)* Aproveitando, então, essa apresentação que você fez ... Ah, é estranho esse lugar de entrevistar e estar junto *(risos)*. Mas vamos lá *(risos)*. A gente conversa muito, mas é legal registrar. Então, dentro de todo esse caminhar, a gente queria ouvir de você: a Cia Eclipse completou, agora em agosto, vinte e três anos de existência. E dentro dessa trajetória, o que você descreveria como essencial para a manutenção de elencos permanentes ao longo do tempo, nesses vinte e três anos? A gente sabe que é complexo, não só na nossa área, de atuação dentro da Cultura *Hip-hop*, manter um elenco e uma história de vinte e três anos. Mas também, ampliando para a Dança, é difícil manter uma trajetória tão longa de trabalho. E tem ainda a questão dos elencos permanentes, que é uma outra batalha, não só para nós, da Cultura *Hip-hop*, como também para a dança de maneira geral. Então, conta um pouquinho sobre isso.

**Kico Brown:** *(canto e resposta, ação e reação, Kico apresenta seu repertório)* É lógico que não existe uma receita que vai dar certo para todo mundo, mas ter participado dos coletivos que iam para festivais e competições foi muito importante para mim. Porque me fez ser muito cobrado como elenco: de limpeza, de qualidade de movimento, de energia, de expressão... E muitas dessas cobranças eram legítimas, eram importantes. Mas muitas também estavam disfarçando o nervosismo do diretor, do coreógrafo e da pessoa que estava à frente. Então eram cobranças, em alguns momentos, exageradas, mas com a intenção de acertar, de fazer o melhor. Porém, eu venho de um momento onde as “danças urbanas” não tinham base acadêmica, não tinham bases de formação,

digamos, regulamentadas. Então, nós viemos na tentativa e erro. Com experiências de irmãos, de vida, de trajetórias. Aquela pessoa que tinha um pouco mais de acesso ao VHS, a vídeos, ou um pouco mais de discernimento do certo e do errado, acabava tomando as rédeas desse caminho, dessas experiências. Não por ser mais do que o outro, na verdade, a gente falava isso o tempo todo: que todo mundo era igual ali no coletivo. Porém, alguém precisava exigir, cobrar, estimular para que as coisas acontecessem. E, muitas vezes, acabava em brigas e discussões, em alguém pegar sua mochila, suas coisas e ir embora pela cobrança excessiva em certos momentos, ou até mesmo pelo fato de não receber nada para isso e estar abrindo mão do final de semana, dos seus horários em família, da sua vida social para estar ali. E aquela exigência sempre muito pesada. Essas experiências me ajudaram a lapidar o Kico Brown que hoje é o artista, né... a lidar com situações. Eu tive muitas discussões já na posição de líder, de diretor artístico, de ter que me impor por uma fala um pouco mais firme, mas num outro formato. No formato de: calma, respira, entende, e aí sim nós vamos para um outro passo. Eu acho que esse discernimento, além de eu ser uma pessoa brincalhona, mas ao mesmo tempo levar muito a sério o meu fazer artístico, a Cia Eclipse, isso foi fazendo com que o elenco entendesse que o importante é dar certo. Nem todas as ideias vêm da minha cabeça, e nem todas as vezes eu tenho que estar certo. Mas isso foi um processo que foi se consolidando a partir de 2009. Até 2009, eu coreografava tudo da companhia. Então, gastava — não era investir, era gastar —, literalmente, horas elaborando formações, transições e desenhos coreográficos, estudando música e pesquisando possibilidades. A partir de 2009 eu trouxe para o elenco a questão da composição compartilhada, e foi um desastre. Porque ninguém ficava satisfeito. Porque, quando era o Kico Brown falando, todos paravam e ouviam. A partir do momento em que eles tinham que se ouvir, eles queriam que fosse aceita imediatamente a ideia de cada um. Então foi um processo de falar: “nós lançamos as ideias no ar, algumas são experimentadas, outras continuam no ar, que podem vir a complementar todo o processo lá no final, ou podem não ser utilizadas nesse momento”. Isso, para o ego individual, foi muito difícil de ser assimilado, de ser compreendido. Mas, a partir do momento em que esses anseios foram entendidos, com uma direção, porque sem a direção esse processo não seria superado, a partir do

momento em que esses anseios foram compreendidos, a companhia começou a ficar mais sólida. Porque o elenco se via dentro dos processos criativos. E, a partir do momento em que eles se vêem, eles passam a acreditar um pouco mais também. Porque é diferente quando você lida com alunos(as) que não têm bagagem nenhuma, ou muito pouca, que, entre aspas, “obedecem”. Seguem o que é pra fazer: de qualidade de movimento, de possibilidades, de padrões, de transições, eles só ouvem e aceitam. A partir de um certo momento nós tivemos um processo de capacitação: inicialmente de formação, posteriormente de capacitação do elenco. E, a partir daí, você tem que demonstrar que acredita e confia no elenco. Então, nesses primeiros momentos, eu era a referência: de ensinar, de explicar, de mostrar. E eu discuti e passei pro elenco: agora é a vez de vocês passarem e compartilhar o fazer artístico de vocês com os novos. Então, a paciência que eu tive com vocês, agora é o momento de vocês compartilhar e terem a paciência, respirar fundo, e entender que ninguém nasce pronto, que vai ter que participar e fazer parte de um processo. Então, eu acredito que a companhia está viva hoje foi em alguns momentos, foi engolir sapo, mesmo querendo chutar o balde, querendo mandar embora, respirar fundo, entender que estamos amadurecendo juntos, que estamos participando de processos juntos. Então eu não nasci pronto, estou aprendendo com vocês, vocês comigo. Então, nessa hora que a gente surta, é hora de falar: compensa jogar tudo pro ar e virar as costas? Ou, respira fundo, abaixa a bola, literalmente, ou então, até vai embora, respira, depois a gente retoma, porque hoje não dá pra ensaiar mais. Então, acho que esses caminhos de amadurecimento foram o que consolidou e o que manteve a companhia viva até os dias atuais.

**Ana Cristina Ribeiro:** (*escuta, percepção e reação*) A companhia tem esses vinte e três anos de trajetória e três elencos permanentes. Nessa transição de um elenco para outro sempre ficam pessoas do primeiro elenco para o segundo. Agora a companhia está vivendo o terceiro elenco, mas que tem mais de cinquenta por cento da segunda geração. Então tem pessoas novas e boa parte da segunda geração de elenco. E dentro desses processos, você destacou os desafios de trabalho compartilhado. É legal

também, nós temos, a Cia Eclipse<sup>9</sup> tem um documentário de vinte anos que tem vários capítulos, episódios, e vocês que estão assistindo à palestra podem acessar depois para ouvir o próprio elenco participando e falando desses desafios, desses processos a partir das suas vivências. Só para a gente fechar esse eixo: você falou dos desafios e que conquistas você destacaria nesses vinte e três anos, nesse trabalho mais relacionado ao elenco, essas três gerações mescladas entre si, mas que hoje se encontram numa terceira geração atravessada pela primeira porque a gente teve o Léo Mologni, por exemplo, até pouco tempo conosco, da primeira geração, e boa parte da segunda geração da companhia junto agora com esse terceiro momento.

**Kico Brown:** Quando a gente para pra pensar nessa história toda, iniciada em 2002, nós recebemos adolescentes que amavam dançar e não sabiam onde encontrar a informação e como se desenvolver na dança. Então, essa primeira geração foi um momento em que a gente foi criando uma identidade de companhia Eclipse. A companhia Eclipse vem com um nome nada ortodoxo no meio das “danças urbanas”, no início dos anos 2000. Não era considerado um nome totalmente dentro dos padrões. Esse nome veio de uma flexibilidade artística, então a gente buscou um nome que não nos “engessasse”, que nos permitisse ter muitas e vastas experiências em diversos mundos: o mundo do circo, o mundo das artes em geral, da música, dos acrobáticos, da capoeira. E esse caminho foi muito questionado na época, porque a maioria dos grupos — sem ser uma crítica — tinha um certo padrão de movimento. Nós começamos a Cia Eclipse quebrando esses padrões. Então fizemos algumas coisas que não eram, no primeiro momento, vistas como “Nossa, muito legal!”, mas ao mesmo tempo eram caminhos criativos que foram trazendo o elenco para um jeito próprio. Por exemplo: de que jeito? Quem dançava *Locking*, dançava só *Locking*. Quem dançava *Popping*, dançava só *Popping*. Quem dançava *Breaking*, dançava só *Breaking*. Já o *Hip-hop* era considerado, na época, o pessoal das coreografias, dos festivais. E a gente veio com um caminho de misturar tudo isso. Então, a primeira geração foi muito importante, porque você pegava pessoas que estavam iniciando. E no segundo momento, essas

---

<sup>9</sup> Cia Eclipse 20 anos

[https://www.youtube.com/watch?v=riIo\\_5dtF0&list=PLsLhTsI7S\\_yzGVsUxjPnOeupXTTFQrEUC&index=2](https://www.youtube.com/watch?v=riIo_5dtF0&list=PLsLhTsI7S_yzGVsUxjPnOeupXTTFQrEUC&index=2). Acesso em: 04 out. 2025.

peessoas dançavam *Popping*, *Locking*, *Breaking*, *Hip-hop dance*, *House dance*, a ideia era se abrir para o todo para depois se especializar. E aí foi uma faísca muito forte que alimentou a segunda geração. A segunda geração eram alunos da primeira geração. Então eles olhavam a primeira geração com aquele olhar de: “como eles conseguem dançar *Breaking* e dançar *Hip-hop dance*, como eles conseguem dançar *House* e dançar *Locking*?”. E esse olhar fascinado, esse olho brilhando, fez com que eles também viessem com essa mesma pegada. E aí foi se formando. Essa primeira geração foi duradoura, foi bem longa. Eu estou muito orgulhoso de cada um deles. Eles tiveram uma formação que eu costumo dizer carregada de carinho, carregada de empenho, porque também tínhamos mais tempo juntos para compartilhar as experiências. Então hoje vários deles estão com experiências internacionais, sendo que as primeiras experiências foram na companhia. A segunda geração já veio com ambição, com um sonho de ser igual à primeira. Então, quando a gente passa para a segunda geração, eles estão pré-prontos com o fazer artístico da Cia Eclipse. Consequentemente, para a terceira foi mais fácil ainda. Fácil, entre aspas, porque ele já estava no processo de formação. Então eu tenho uma satisfação imensa. Foi na primeira geração que a gente criou o nosso primeiro festival de dança, foi onde a gente mostrou um pouco do que a gente imaginava como arte. E a gente continuou isso nos processos com a segunda geração, muito mais pronta nesses processos de iniciação. A primeira geração, digamos assim, estava crua. A segunda já não estava crua porque, na época, a gente procurava dançarinos/as de “danças urbanas” e não encontrava. Já no segundo momento não, já tínhamos uma formação caseira, um pessoal pré-pronto. Na terceira, o pessoal falava: “Nossa, agora eu vou fazer parte do Eclipse!”. Já era algo que se almejava, coisa que a gente não tinha na primeira. Na segunda, ainda estava no processo de convencimento do que a gente buscava. Era algo interessante, era algo legal, era algo que tinha possibilidade futuras. E na terceira, agora, já é um desejo, um sonho, pois o pessoal já almeja fazer parte da companhia. Nesse momento já estamos com várias experiências internacionais, com vários processos criativos, e isso se torna satisfatório tanto para mim, como cabeça desse processo, quanto para eles(as), de ter visto também, mesmo de fora, como alunos(as) num primeiro momento, a trajetória e o decorrer de tudo isso. Então assim, nós tivemos vários momentos muito importantes. Mas, para elencar, o

primeiro elenco teve a experiência em 2010 de competir no *Hip-hop International*<sup>10</sup> em Las Vegas, nos Estados Unidos. Isso foi um marco, porque essa primeira geração eram jovens da periferia, não tinham passaportes, não tinham uma formação e não tinham sequer emprego. E, de repente, estão em Las Vegas, nos Estados Unidos, representando o Brasil em um dos mais importantes eventos do mundo. Então foi um marco muito, muito importante. Lógico que antes disso houve outras experiências, mas essa foi muito grande. Quando a gente fala de ir para Las Vegas, a gente pensa em alto poder aquisitivo, a gente pensa em passaporte, no visto americano, que para jovens é muito difícil de se adquirir. E a dança oportunizou isso para eles. Então foi fantástico. Já na segunda geração nós tivemos a BATTLE OF THE YEAR BRAZIL<sup>11</sup> (BOTY BRAZIL), que foi o grande evento internacional, um dos principais a vir para o Brasil, e também marcou época. Depois dele vieram outros eventos internacionais. Então sim, foi muito importante. O primeiro elenco ainda estava, nesse momento, e ali a gente já entrelaçava o primeiro com o segundo elenco. Dali para frente foi onde a gente teve o acesso à oportunidade maravilhosa da Copa do Mundo de Futebol, como uma das poucas companhias de dança a estar presente contratada via Funarte, e posteriormente Rio 2016 também, como um grande boom para nossa história. Tem muita coisa que permeia esse caminho. Eu vou falar cada coisa, tipo coisas que me marcaram. Por exemplo, criamos um filme, um curta-metragem *Escolhas*<sup>12</sup>, que foi lá atrás. Eu tenho muitas primeiras vezes e isso me deixou muito realizado nessa trajetória toda.

**Daniel Santos Costa:** Kico, é muita história. Eu fico aqui querendo ouvir tudo. A gente vai entrar já, já na questão da Copa e das Olimpíadas, mas, aproveitando um pouco desse resgate, resgate não, desse contar histórias que você traz pra gente a partir da sua trajetória, tem alguma referência, ou alguns nomes, que ecoavam nesse início de vontade pela dança? Seja do universo específico da dança, ou nomes que estavam ali e que te estimularam, de alguma maneira, a seguir, seja nessa relação

<sup>10</sup> <https://hiphopinternational.com/>. Acesso em: 04 out. 2025.

<sup>11</sup> BOTY Brazil <https://www.battlebrazil.com.br/boty> BOTY Worldwide <https://sixstep.de/en/references/battle-of-the-year>. Acesso em: 04 out. 2025.

<sup>12</sup> Escolhas <https://www.youtube.com/watch?v=A5A-WFWQktY>. Acesso em: 04 out. 2025.

mais próxima, ou até numa relação com um ídolo, ou nomes do campo. Tem alguma referência, assim, de artista que te inspirou?

**Kico Brown:** Na verdade, tem várias, várias. Tem algumas coisas que a gente tenta não lembrar, mas não pode esquecer também, porque fizeram parte em determinado momento. Como eu disse, sempre amei dançar desde criança, e eu procurava ansiosamente referências. Então, pela minha idade, a primeira referência, (*respira fundo*) eu vou falar, (*risos*), eu vou falar, não tinha muitas opções, mas a primeira referência que eu me lembro, como pessoa, foi Sidney Magal. Porque eu olhava, procurava pessoas que fossem o máximo mais parecidas comigo. Eu não queria simplesmente alguém que dançasse. Apesar de ser negro, e não é “apesar”, mas mesmo sendo negro, na infância meu cabelo era muito ondulado, era encaracolado, era praticamente liso. E aí, o meu cabelo era muito parecido com o do Sidney Magal, na época. Então, quando ele cantava *Sandra Rosa Madalena*, eu arrumava uma blusa parecida e ia imitando, literalmente. Mas isso foi na infância, tá gente, não se empolguem (*risos*). Eu tinha aí sete anos, um pouquinho mais, sei lá. Mas, já indo para o universo que me cativou, aí eu conheci James Brown, que também tava bombando nessa época, ainda estava em seu auge e, posteriormente, Michael Jackson, que tinha muitas competições no Raul Gil.

**Ana Cristina Ribeiro:** (*dando o toque pessoal*) Deixa eu aproveitar aqui resgatando o Sidney Magal, tem um vídeo com o Rincon Sapiência que é muito bom. É legal a gente ver esses cruzamentos. Você falou agora e eu lembrei do vídeo com o Rincon<sup>13</sup>.

**Kico Brown:** Nesse processo passou por James Brown, entrou o Michael Jackson e, consequentemente, era o mesmo momento em que eu estava iniciando na capoeira. Até então eram os passos de *funk... funk soul...* que se dançava, as danças sociais. Não tinha informação nenhuma de técnicas, nomes de técnicas de base. E aí eu adentrei a prática da capoeira. Juntamente com isso, veio o *boom* do *Breaking*, que foi onde eu comecei a dançar *Breaking*. Eu dançava nos intervalos das escolas, nos pátios, em

---

<sup>13</sup> Sidney Magal - Um Brinde à Vida ft. Rincon Sapiência (Clipes Oficiais) [https://www.youtube.com/watch?v=RaKqCGrWhpw&list=RDRaKqCGrWhpw&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=RaKqCGrWhpw&list=RDRaKqCGrWhpw&start_radio=1). Acesso em: 04 out. 2025.

todos os lugares, e isso foi me acompanhando por toda a vida. Onde eu tava, eu tava dançando. A minha primeira escola foi no Jardim Veloso, em Osasco. Então, ali, eu já estava experimentando algumas coisas. Aí eu mudei, fui pra um lugar que eu não imaginava na minha vida, que foi interiorzão, Rio das Minas, ali pro lado de Cananéia, Pariquera, um lugar de São Paulo, onde não existia nada. Depois de um tempo lá, no meio do nada, no isolamento, eu fui pra São Paulo, voltei pra Santo Amaro, onde eu recebi o apelido de Nego Break. E ali foi onde eu me identifiquei totalmente. Dançava em todas as festas, em todos os eventos. E aí tava no máximo do *Breaking*: tinha Menudo de um lado, tinha os campeonatos do Raul Gil do outro, a dança tava muito efervescente nos anos 80. Fiquei ali um tempo. De lá voltei para Osasco, só que aí já tinha acabado a febre da dança do *Breaking*. Depois eu vim pra Campinas, e também já tinha acabado a febre. E aí, eu encontrei uns amigos ali por causa da escola e tal. Conheci o Japão, o Japonês, que era o mais velho na época e treinava *Breaking* em cima do papelão na frente da escola. Ali eu conheci o irmão dele, que a gente chama de Eca, né... um apelido. Conheci o Ari que é o Arymaté (Ary MOS Crew<sup>14</sup>) tinha um outro rapaz que a gente chamava de Serginho Neguin. Aí tinha também o Gu que a gente chamava de Taigos.

E ali a gente criou a nossa primeira *crew*, nossa *crew* de *Breaking*, que era a *Five Breakers*. Tudo moleque, entre quinze e dezoito anos, dançando *Breaking* no asfalto, até na linha do trem, em cima das pedras a gente dançava. E super durou vários anos, também foi bastante importante na minha trajetória. E foi seguindo, alguns que se tornaram amigos da vida, como o Ary. A gente teve, nesse final de semana agora, produção de eventos, participando juntos de ações de *Breaking* e tal. Mas, por eu ser, digamos assim, um dos “vovôs” porque eu sou mais velho que o Ary ainda, poucas pessoas me viram nesse momento de *Breaking*. Eu fui conhecer o *Hip Hop Dance* as outras danças só após entrar na universidade, só após os vinte e cinco anos. Então, até os vinte e três, vinte e quatro anos, era só o *Popping*, *Locking*, *Breaking* e danças sociais. Então isso é de onde veio tudo, esse rolê. Ah, importante: não posso esquecer,

---

<sup>14</sup> <https://www.instagram.com/arymos74/>. Acesso em: 04 out. 2025.

eu tive um grupo que se chamava Caretas Funk, de danças sociais. Gente, se eu esquecer de alguma ou pular alguma coisa, pode me dar um alô pra eu retornar.

**Ana Cristina Ribeiro:** (*marcando com seu freeze*) Eu já falei para o Daniel, o Kico fala muito a gente vai ter que dar uma intervenção porque vai chegar no teto do nosso horário. Só para destacar que você não chegou nos artistas referências da Cia Eclipse, e eu estou nessa criação da Cia Eclipse também e é destacar também a crew francesa "Wanted Posse"<sup>15</sup>, também dos Estados Unidos o "Culture Shock"<sup>16</sup> que foram referências para a Cia Eclipse que foi quando a Cris chegou (*risadas*) nessa sua caminhada.

**Daniel Santos Costa:** Depois Cris tem que ser você, invertendo o jogo, não é Kico? Você já pincelou, mas brevemente, que vocês tiveram experiência na Copa do Mundo de 2014 nas Olimpíadas de 2016, que são ações de grande visibilidade. Como foi essa experiência de integrar com as “danças urbanas” esses eventos de magnitude tão grande e que impactos trouxe para projeção da companhia?

**Kico Brown:** Eu acredito que a Copa do Mundo de 2014 foi um marco histórico. Eu vou fazer um adendo: em 2009 nós recebemos o Prêmio Klauss Vianna de Dança, que também foi muito importante. Porque, assim, dentro da trajetória da companhia, até 2006, começou em 2002, né, até 2006, nós estávamos formando os adolescentes que estavam com a gente nesse primeiro elenco. A partir de 2006 a gente começou os nossos processos criativos de espetáculo, procurando outros caminhos que fossem diferentes das competições de festivais. Isso se deu em 2006, E, em 2009, fomos contemplados com o Prêmio Klauss Vianna de Dança. Aí a gente abriu aquele bocão, aquela carona: “Nossa! Um prêmio nacional de dança com danças urbanas!” Isso foi um estalo muito importante pra gente. A mesma coisa aconteceu na Copa do Mundo de Futebol, porque nós não tínhamos segurança, nem confiança de que, ao mandar um projeto para um evento tão grande e sermos contemplados. A gente mandou meio que

---

<sup>15</sup> <https://www.wanted-posse.com/>. Acesso em: 04 out. 2025.

<sup>16</sup> <https://cultureshocksandiego.org/>. Acesso em: 04 out. 2025.

pensando: “Ah, tem tantas companhias, tem tantos coletivos, tem tantos fazeres artísticos no Brasil, vão escolher a gente?”. Então, o Klauss Vianna deu esse *boom* pra gente no fazer artístico da dança. E a Copa do Mundo<sup>17</sup> deu esse *boom* de confiança: de podermos acreditar que sim, somos capazes de tudo. A Copa do Mundo falou: “Vocês podem ser o que vocês quiserem, podem estar onde vocês quiserem, desde que continuem organizados, disciplinados e buscando fazer de forma diferente”. Até brinco com o grupo: “A dança de rua do Brasil não é melhor nem pior, é apenas diferente”<sup>18</sup>. Isso virou um mantra pra gente de procurar formas diferentes de fazer. Porque a gente vê as “danças urbanas” como muito rica, muito diversa, muito presente no Brasil todo, com grupos muito potentes. E a gente buscou, como a gente vai conseguir criar caminhos que nos levem a lugares diferentes? Se a gente fizer a mesma coisa, não vai dar certo. Então fomos acessando outras possibilidades. E a Copa do Mundo veio quando a gente já estava se organizando como companhia e também como produtora, porque tivemos que produzir parte disso tudo: passagem aérea, cidade-sede de Salvador, hospedagem, alimentação, traslado. Onde a gente vai estar se apresentando? Como vai ser tudo isso? Foi uma transformação gigantesca como companhia de dança. Porque a gente já vinha de outros processos anteriores, como produtora. Mas, quando o investimento e a iniciativa são seus, é uma coisa; quando são outras pessoas apostando e acreditando em você, a responsabilidade aumenta. A Copa do Mundo trouxe essa maturidade, esse entendimento de que era possível, sim, acessar outros degraus, outras possibilidades. Já os Jogos Olímpicos foi assim: “Poxa, se a Copa do Mundo aceitou, as Olimpíadas também têm grande chance”. E aí a gente já estava mais *bala*, mais marrento, mais confiantes. Fomos pra cima sem pensar duas vezes. Mas também foi outra experiência gigantesca, um outro desafio monumental. Porque, na proposta, além de levar a Companhia Eclipse e seus espetáculos, nós levamos outras *crews* (coletivos) de *Breaking*<sup>19</sup>, não só de Campinas, mas também de outros lugares do Brasil. Teve grupo de Belém, teve grupo de Brasília, teve de São

---

<sup>17</sup> Cia Eclipse Workshops em Salvador-BA - atração cultural Copa do Mundo 2014. <https://www.youtube.com/watch?v=1rYg9jAbdOw>. Acesso em: 04 out. 2025.

<sup>18</sup> Parafraseando Marcelo Cirino do Dança de Rua do Brasil.

<sup>19</sup> Battle Brazil edição especial Olimpíadas Rio 2016 <https://www.youtube.com/watch?v=7HnLJy-tmkl>. Acesso em: 04 out. 2025.

Paulo. Nós levamos uma pequena versão do nosso evento, a *Battle Brazil*<sup>20</sup>, para acontecer dentro dos Jogos Olímpicos, além dos espetáculos da Companhia. Então, foi um *boom* na nossa cabeça: “Estamos grandes nesse momento!”. Foi aquela sensação de que dá pra acreditar, dá pra sonhar e, sim, dá pra viver da nossa arte. Isso reverberou em outros coletivos do nosso entorno também, não só na Cia Eclipse, mas em outros grupos que falaram: “Mano, é possível sim, vamos fazer!” Porque a grande dificuldade, não só da Cia Eclipse, mas da Cultura *Hip-hop* e das “danças urbanas” em geral, é se organizar. Não só o fazer artístico, mas o se organizar institucionalmente: CNPJ, documentação, todos esses trâmites burocráticos. Esse sempre foi o hiato, a lacuna que o *Hip-hop* e as ações culturais até hoje têm dificuldade de ocupar, de completar, de transpor, para, assim, atingir novas possibilidades.

**Ana Cristina Ribeiro:** Dando continuidade no *Breaking*, porque você falou das Olimpíadas e da edição do *Battle Brazil* no Rio de Janeiro. Você também participou de todas as políticas, aqui no Brasil, relacionadas à inserção do *Breaking* como esporte olímpico. Conta pra gente um pouco desse processo, de como ele tem se consolidado enquanto modalidade esportiva, e da sua participação, tanto na Confederação quanto, atualmente, na Federação Paulista de *Breaking*.

**Kico Brown:** Não só no Brasil, como em boa parte dos países do mundo, foi um choque, foi um susto o *Breaking* como esporte olímpico, a modalidade em si, os artistas ficaram chocados. Houve muito debate se a cena aceitaria, se se via como esporte, ou se era outra coisa, outro universo. Eu acho que o grande *boom* foi: *Breaking* como esporte. Independente de estar nas Olimpíadas ou não, foi o que cutucou muitas pessoas que vinham fazendo *Breaking* desde criança e de repente, isso se tornou “o esporte”. E, como havia muita gente que fazia isso, como produtor, como praticante, desde lá de trás, nós temos muitos donos, muitas pessoas que se apropriaram do *Breaking* como seu. Quando se torna esporte olímpico, o esporte em si precisa de uma única estrutura organizacional para gerir. Essa foi a grande dificuldade: o *Breaking* se centrar em uma única entidade. E, naquele momento, a entidade CNDD, ela nunca

---

<sup>20</sup> <https://www.battlebrazil.com.br/edicao-especial-rio-janeiro-rj> Acesso em: 04 out. 2025.

tinha lidado com *Breaking* na vida, na sua existência. Isso criou uma distância enorme entre a entidade responsável pela modalidade e os próprios praticantes. Mas, de consolação, serve notar que isso aconteceu também nos Estados Unidos e em diversos países da Europa. Ainda assim, é muito difícil aceitar que vai surgir uma pessoa que nunca praticou, que nunca desenvolveu atividades de *Breaking*, e de repente se torna “responsável” pela modalidade. Isso gerou um racha muito grande entre praticantes e a entidade. Mas foi um processo inevitável, não tinha outra forma, não existia outra maneira. E essa entidade acabou me convidando para estar entre os profissionais que levassem isso adiante. Foi uma satisfação muito grande ter participado, ter contribuído. Minha principal função foi como gerente de desenvolvimento da modalidade. Fiquei responsável por alguns setores: um deles ligado aos ingressos do *Breaking* como modalidade nas Olimpíadas; outro era levar jovens praticantes a eventos internacionais de formação e capacitação, já pensando nos próximos Jogos Olímpicos. Ao mesmo tempo, contribuí muito na estruturação da entidade em si. Por vir da Educação Física, por já ter participado de time de futebol, e também por já ter, nesse momento, uma entidade uma ONG, a Associação Família Eclipse, eu entendia um pouco desse processo de estatuto e organização. Então, pude contribuir naquele momento com a estruturação política, também, da entidade para que ela caminhasse nesse terreno esportivo. Isso se consolidou com experiências internacionais: com a Seleção Brasileira, com encontros no Centro de Treinamento do COB, no Rio de Janeiro. Era novidade para todos. Tentamos, e buscamos, ter profissionais dentro da CNDD que viessem da rua, com formação no *Breaking*, mas que também tivessem formação em áreas como fisioterapeutas, com um entendimento maior, no contexto mundial do *Breaking*. Foi uma luta muito grande: lidar com o recurso do COB e, ao mesmo tempo, com a cena do *Breaking*, que naturalmente não aceitava naturalmente esse momento. Então muita luta. Resumindo em poucas palavras: foi, e ainda é, muita luta. Estamos indo para o segundo mandato, com uma nova diretoria no CNDD. Eles também estão participando de um processo de resistência da cena, de muita luta para se consolidar o *Breaking* como modalidade esportiva. É um processo árduo, que ainda deve levar alguns anos até se tornar natural e espontâneo, no olhar dos praticantes e no olhar dos dirigentes. Hoje, dando continuidade, estou como gerente da Federação

Paulista de *Breaking*. Também é algo novo, recente, que deve fomentar a modalidade dentro do Estado de São Paulo. Já estamos com iniciativas de Campeonato Paulista, com etapas regionais, e consolidando o trabalho com CNPJ, com políticas públicas, para que a modalidade *Breaking* se solidifique e se estruture nas próximas competições. Apesar de não estar nas próximas Olimpíadas, ainda está presente nos Jogos da Juventude, Pan-Americanos, Sul-Americanos, Jogos Mundiais e em diversas outras competições de nível mundial.

**Daniel Santos Costa:** Obrigado Kico. Boa elucidação, ainda é um campo que merece debate e certamente teremos. Você abriu já falando de premiações, mas, nesse ano, vocês tiveram a indicação ao Prêmio Governador do Estado de São Paulo. Eu queria te perguntar: o que significa esse reconhecimento pra você? E já deixando a pergunta no ar, de que maneira esses prêmios contribuem para fortalecer o campo artístico e o trabalho coletivo da Eclipse?

**Kico Brown:** Esses prêmios, incluindo os editais de uma forma geral, são objetos de muita discussão e de muita polêmica. Lógico que não há intenção de defender, digamos, iniciativas governamentais, mas, ao mesmo tempo, na minha trajetória, foi um processo de mais reprovação do que aprovação, em prêmios e editais. Nessa caminhada houve momentos em que se pensa: “Desistir, não participar mais... isso não é para mim, é carta marcada”. Enfim, existem muitas barreiras nos processos. E, principalmente... como o Ary falou para mim há um tempo atrás: “Kico, podem falar o que quiserem de você, mas uma coisa ninguém pode negar, você é persistente.” E a persistência nos ajudou. Ela me fez aprender, entender e acreditar nos processos. Porque é muito fácil reclamar de tudo, né? Se tem política pública, a gente reclama que tem; se não tem, a gente reclama que não tem. Então, nesse momento, ser indicado para o prêmio Governo do Estado de São Paulo<sup>21</sup> é uma satisfação gigantesca. Pelo fato de uma companhia de dança de rua estar entre os indicados. E os indicados eram apenas cinco companhias de dança, independentemente de gêneros ou modalidades, de todo o Estado de São Paulo. Então nós estávamos dialogando com

---

<sup>21</sup> Indicados 2025 [https://www.instagram.com/p/DKh2coSxooH/?img\\_index=3](https://www.instagram.com/p/DKh2coSxooH/?img_index=3). Acesso em: 04 out. 2025.

outras linguagens de dança, e não somente com dança de rua, “danças urbanas” ou Cultura *Hip-hop*. Isso para mim é muito importante, porque abre portas para outros. É uma coisa que gosto de falar, assim como *‘Battle Of The Year’*, que a gente trouxe para o Brasil em 2007, abriu portas para ver outros eventos internacionais. A Cia Eclipse, estar entre os indicados para um prêmio tão importante, abre portas para outras companhias também estarem. Não sei se houve outras companhias de dança de rua indicadas anteriormente, provavelmente e espero que sim, mas, que seja apenas uma porta de entrada para muitas outras. Nesse sentido, é uma satisfação ver que depois de vinte e três anos, ainda estamos experimentando caminhos, ainda abrindo portas, ainda vislumbrando estar aceitos entre as modalidades linguagens de dança formais, acadêmicas ou não. E isso é muito satisfatório. Eu acho que é um prêmio para a dança de rua, além da Companhia Eclipse. E eu gosto de falar um pouquinho. Então vou falar um pouco mais. Dentro dessa história, fui convidado para ser avaliador de alguns editais, e foi ali que entendi que o processo é mais complexo do que parece. Dentre os editais que participei, havia no mínimo cinco avaliadores, cada um de uma região. Cada um avalia os mesmos editais, e, no final, vocês se encontram. Cada um dá o seu parecer. E neste parecer, você seleciona os mais votados entre todos. Não há como o meu gosto pessoal e particular prevalecer. Ele precisa estar entre os mais bem avaliados pelos outros avaliadores, e daí sim gerar toda uma discussão sobre os premiados. Então, justo, nunca vai ser “a gente sempre quer mais prêmios para mais coletivos, que seja mais diverso”. Mas, no que eu participei, vi como algo muito justo, muito aberto e pontual. Quem foi avaliado, foi premiado ali naquele momento. No segundo momento, de repente, o mesmo projeto não seria aprovado ou avaliado da mesma forma por outro grupo de avaliadores. O principal que eu digo para todo mundo é: tente se formalizar, se for possível, se organizar documentalmente, e participar do máximo de oportunidades possíveis. Isso vai ajudar a acertar a mão e vai dar certo.

**Ana Cristina Ribeiro:** Falando de editais, acho que tem a ver com o nosso próximo eixo também, que é o espetáculo *Afrokosmos*<sup>22</sup>. Ele recebeu a maior nota no Proac

---

<sup>22</sup> AFROKOSMOS teaser <https://www.youtube.com/watch?v=UphGn2LrXAw>. Acesso em: 04 out. 2025.  
Acesso em: 04 out. 2025.

Produção de Dança de 2021<sup>23</sup>, se eu não me engano, e teve vários atravessamentos. Inicialmente era um projeto nacional, que depois teve atravessamento da França com o prêmio no edital da Aliança Francesa. E, no meio do caminho, parte do elenco foi para a Noruega. Então ficou um espetáculo com o envolvimento de três países, com esse diálogo intercultural. Como foi isso? Quais foram os aprendizados desse trabalho, dessa obra afrofuturista? Quais foram os atravessamentos e sensações que essa produção quis tentar gerar no público? A gente sabe que a arte é subjetiva, que cada um vai sentir de uma maneira, mas onde a Cia Eclipse tentou chegar com o *Afrokosmos*?

**Kico Brown:** Continuando com a minha fala anterior, ser contemplado em um edital todo mundo quer. Mas o trabalho e a demanda que isso dá... socorro! Esse foi um exemplo da complexidade que um projeto pode tomar. Então, eu penso: como aprendizado, valeu... mas, socorro, foi realmente surreal. Depois de concluído, foi incrível, maravilhoso, depois de concluído, satisfação total. Mas o processo foi muito cansativo, muito difícil, de muita exigência mental, psicológica e criativa. Foi tipo assim: “Até onde vocês podem chegar com isso?” Foi bem isso. Inicialmente, o prêmio era de um edital do Governo do Estado de São Paulo, que já estávamos adaptados, não nos tiraria da zona de conforto. Aí, de repente, tivemos atravessamentos, como a Ana Cristina citou: da Funarte, do Centro Cultural da França, entre outras questões. Juntou-se isso com uma experiência anterior: conhecemos um artista francês, Jamzy<sup>24</sup>, e foi potencializando tudo de tal maneira que foi fabuloso. Dentro da proposta do afrofuturismo, vieram algumas inquietações, algumas ansiedades que o elenco já tinha. O elenco da Eclipse é predominante de pessoas negras, com experiências individuais em *Dancehall*, Capoeira, *Krump* e outras vertentes. E queríamos dialogar diretamente, não só presencialmente, mas também nessa interlocução intercontinental. Tivemos duas pessoas do elenco um mês na França, trabalhando e dialogando com o Jamzy. Ao mesmo tempo, dois integrantes foram para a Noruega, e o restante do elenco e direção ficaram em Campinas, São Paulo. E tivemos que criar

<sup>23</sup> <https://storageproac.blob.core.windows.net/uploads/Edital-04-2021.pdf>. Acesso em: 04 out. 2025.

<sup>24</sup> [https://www.instagram.com/jamzy.\\_/](https://www.instagram.com/jamzy._/). Acesso em: 04 out. 2025.

essa interlocução verbalmente, via falas, vídeos... Teve vídeo que trouxe a Torre Eiffel, espaços de Paris, junto às intérpretes da Noruega, e o elenco atuando no espaço cênico no teatro fazendo toda essa parte audiovisual. Se não fosse o amadurecimento do elenco, teríamos dado nó nas próprias pernas. Mas foi fabuloso. Esse amadurecimento trouxe segurança de palco, presença de palco, que deixa pronto para praticamente tudo. Criamos inclusive um vídeo com teatro de sombras que foi colocado no trabalho. Foram muitas conversas, muitas formas diferentes de fazer arte. A proposta *Afrokosmos*, o afrofuturismo, trouxe muita reflexão sobre os antepassados, sobre de onde viemos e, principalmente, para onde vamos. O que podemos fazer com essa experiência e com esse caminho que estamos traçando ao longo das nossas vidas? O que podemos atingir com a dança de rua? Eu penso que a Cia Eclipse está trazendo dúvidas, indagações, possibilidades, aquele leque de caminhos que se pode seguir, eu vejo mais como questionamentos do que como afirmações. O caminho da Cia Eclipse é de falar: podemos fazer isso? Sim, podemos. O que não podemos fazer? É isso o que vamos tentar. É esse caminho, e o que os atravessamentos nos trouxeram oportunidades de amadurecer, abrir possibilidades e instigar novos artistas. Esse é o nosso anseio.

**Ana Cristina Ribeiro:** O *Afrokosmos* teve uma circulação online, teve uma circulação presencial, e o restante da circulação foi virtual a gente deixa o teaser e acompanhar.

**Daniel Santos Costa:** Maravilha. Kico, nós vamos para o último bloco. Vamos precisar de muitos momentos para ouvir essa trajetória riquíssima e de muitos atravessamentos. Te ouvindo, fui escrevendo e fiquei imaginando uma nuvem de palavras, tantas frentes, tantas experiências. É processo de formação, um processo de embate para estar à frente, no desenvolvimento de um campo, das linguagens... A partir das escolhas, desses aspectos da produção cultural, à frente da Confederação, da Federação Paulista de *Breaking*. Você trouxe uma palavra, que Ary te trouxe que é a persistência. Eu vou ficar com essa imagem, gosto de pensar as coisas também enquanto imagem. E ao ouvir me veio a imagem da persistência. E, por fim, deixo esse espaço final para você trazer outras coisas que acha que faltaram. Sobre perspectiva, a

ideia de futuro, fazendo desde hoje também. Mas quais são os próximos passos e sonhos da Cia Eclipse? Como vocês enxergam o futuro das “danças urbanas” no Brasil, dentro dos campos artístico, educacional e esportivo?

**Kico Brown:** Vamos lá. Na minha trajetória, tive diversos momentos: do *underground* ao educacional e ao *mainstream*. Vejo as “danças urbanas” cada vez mais presentes, mais potentes ainda nesses lugares. Pessoalmente, dei muitas aulas em Centro de Referência e Assistência Social (CRAS), núcleos de menores, ONGs, projetos sociais diversos, em academias simples e grandes, estúdios de dança dos mais locais nos bairros, nos maiores estúdios, não só no Brasil, mas fora dele. Esse lugar de Jogos Olímpicos, Copa do Mundo, Las Vegas, e agora estamos buscando outras possibilidades que vêm pela frente. Primeiramente, vejo as “danças urbanas”, a Cultura *Hip-hop* e a dança de rua ocupando todos esses lugares com mais merecimento, com mais pertencimento. Não só pela capacidade dos fazedores, que ao longo do tempo de capacitação. Hoje, temos diversas pessoas buscando a formação acadêmica, mestrado, doutorado e, em breve, pós-doc. Eu era um dos primeiros da área com formação acadêmica, hoje isso é comum em todos os estados, temos pessoas formadas e buscando ir além. Dentro da Cia Eclipse, o nosso caminho, o que estamos buscando, além de manter o que fazemos hoje, que é muito importante, temos isso em mente manter o que já fazemos cada vez mais consolidado. Mas buscando uma turnê internacional, uma vivência fora do Brasil, um pouco mais intensa. Exatamente para que os artistas motivem outros núcleos, os seus alunos, que eles estão iniciando, a falar: é possível. Porque quando a gente iniciou os pais do nosso elenco falavam, “olha vai arrumar um emprego vai fazer outra coisa, se tá se divertindo, mas tá na hora de pagar as suas contas”. E hoje, aqueles mesmos pais olham para o nosso elenco, falam “meu filho é artista” e têm orgulho imenso de seus filhos. Então agora esses filhos estão buscando novos degraus para motivar e inspirar a geração que vem em seguida. Então é aumentar a qualidade do nosso fazer, dia a dia, estar em palcos maiores, sim. Porque não? Estar em outros espaços pouco utilizados pela dança de rua. Assim como nosso amigo Jamzy esteve conosco no espetáculo *Afrokosmos*, esteve na Ópera de Paris com

dança de rua, com *krump*<sup>25</sup>. Por que não a Cia Eclipse? Por que não outros coletivos, podem estar ocupando o Teatro Municipal de São Paulo ou no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, ou outros teatros municipais que ainda hoje são distantes para a dança de rua? De uma forma frequente né, porque hipoteticamente, esporadicamente, uma vezinha teve alguém. É diferente de: assim como as outras linguagens frequentam assiduamente, porque não a dança de rua? É um degrau que temos pela frente a conquistar. Dentro das políticas públicas, é importante, eu vejo que, as políticas públicas também estão se aprimorando e possibilitando que coletivos que não teriam acesso a produções maiores, assim como a Cia Eclipse, a fazer que gerem investimento para produzir. Eu vejo que as políticas públicas estão se aprimorando e que tende a estimular jovens negros(as), periféricos(as), comunidades quilombolas, e outros a ascender a acessar possibilidade do fazer artístico reconhecido e consolidado na academia e em outros núcleos. Eu vejo que temos possibilidades também de buscar esses caminhos. Quero agradecer à Companhia Eclipse — primeira, segunda e terceira geração — à minha companheira de vida, Ana Cristina, importantíssima nesse processo, e a cada pessoa que cruzou nossa trajetória e deixou uma sementinha de confiança mesmo e falar: “pode ir eu acredito em vocês, vocês são muito bons, vocês podem”. Isso com certeza estimulou. As minhas experiências internacionais de ver espetáculos solos, duos, trios, coletivos em um momento em que não existia isso com tanta frequência no Brasil foi o que me deu e a fé da companhia em desbravar novos caminhos. Então eu vejo que, esses caminhos de persistência e de fé foi o que nos trouxe aqui, até hoje. Uma patrocinadora nova, recente com a gente, disse: “Como vocês aguentaram e duraram vinte e três anos sem apoio, sem patrocínio, dependendo de uma iniciativa ou outra?” E volto a palavra que o Daniel gostou: persistência e muita fé. Minha parceira Ana Cristina também reconheceu isso, mesmo após ter pensado em desistir: eu continuei persistente. Persistência é a palavra-chave.

**Ana Cristina Ribeiro:** É, Daniel, eu falei que já tinha desistido. Verdade, faz pouco tempo. São muitas camadas de atuação. Em uma delas, eu pensei: “Já tentei de tudo”, e o Kico continuou persistindo nessa última frente de trabalho — e conseguiu. Quero

---

<sup>25</sup> 2:08 Jamsy Noix <https://www.youtube.com/watch?v=9h9HP-VOJv4>. Acesso em: 04 out. 2025.

agradecer ao Kico pela fala. A gente conversa muito, mas é diferente quando aberto, e com a mediação de outras pessoas. Agradecer ao Daniel pela parceria, fortalecendo o intercâmbio entre universidades (UFU e UFPEL) e essas linguagens dentro de projetos de pesquisa acadêmica. Cada vez mais, recebemos alunos, alunas e alunes que dialogam com essas linguagens diversas. É muito bom trocar e fortalecer as redes. Outra palavra que a gente leva: manter forte os coletivos e valorizar o mútuo presente na nossa cultura. O *nós* é muito importante; sem o *nós*, não conseguimos caminhar.

**Daniel Santos Costa:** Também agradeço a parceria de vocês. Kico, por aceitar estar aqui e abrir esse debate, podemos continuar a conversa em outros âmbitos, e Cris, pela parceria também acadêmica, fortalecendo a possibilidade de dialogar. É necessário trazer essa discussão para dentro da universidade, refletir nos grupos e nas nossas ações. Parabenizo o trabalho de vocês enquanto Companhia, pela persistência, resistência e existência nesses vinte e três anos. Que venham muitos outros anos e processos.

**Kico Brown:** Nesse meu final, acho muito importante agradecer à minha mãe, que foi uma apoiadora incondicional. Mesmo quando tudo dava errado, ela dizia: “Se você acredita, eu acredito”. Isso me ajudou demais. Porque no mínimo eu não tinha que me preocupar com local para comer, beber e dormir, podia dar certo, podia dar errado, podia ter dinheiro, podia não ter, a minha mãe sempre estava lá, me dando suporte. No segundo momento, agradecer a um grande amigo, que se tornou amigo da vida, Benê Black, que conheci na faculdade, foi o primeiro grupo já pensando danças urbanas, antes disso eu não conhecia danças urbanas, no cenário nacional muito menos, antes disso era underground, na quebrada com os amigos. Quero agradecer à Ana Cristina, parceira de vida, que fez parte do primeiro grupo na faculdade, depois desse chamado Grupo Campinas Street Dance, veio *Hip Street Hop*, e, só depois, veio a Cia Eclipse, com nome, plano de negócio e plano de trabalho. O Eclipse nasceu após um ano subindo e descendo ruas, pensando no que poderia fazer com minha experiência de vida. Deixo isso como inspiração: para quem está assistindo, procura o que ama, o que faz bem, o que faz os olhos brilharem, o que faz ignorar sábado,

domingo e feriado. Agradeço o convite, a paciência de todos que participaram do processo: professores, alunos(as), elenco. E agradecer a Deus. E támo junto. Beijo no coração.



QRCode Entrevista completa com Kico Brown (02/09/2025)

Canal Youtube: Corpo e Diásporas Performativas

<https://www.youtube.com/watch?v=ETm3IQGTWuY>